

Tausk para a psicanálise

Estevan de Negreiros Ketzer¹

Resumo: Este artigo trata das contribuições de Viktor Tausk para três áreas importantes da psicanálise: 1) a história da psicanálise, com as contribuições de Ellenberger, Sulloway e Roazen; 2) a teoria de aparelho na psicose, com a ideia de aparelho e sua repercussão no trabalho de Klein, Reich, Deleuze e Guattari, Bion e Kohut; e 3) seu trabalho para a construção posterior de uma técnica psicanalítica com pacientes esquizofrênicos, de Federn e Searles. Concluímos, assim, a necessidade, tanto para profissionais quanto para instituições de formação, de um maior estreitamento de discussões iniciadas por Tausk, não restritas à figura histórica e à personalidade de Freud, mas que deem vislumbre a diferentes práticas psicanalíticas em diferentes contextos.

Palavras-chave: História da psicanálise. Psicoses. Tausk. Técnica.

“Então estaríamos tão seguros sobre nós mesmos e sobre nossa época para separar, na trupe de nossos pais, os justos dos malditos?”

Marc Bloch, em *Apologia da história ou o ofício do historiador*

“Embora declarem continuamente que jamais serão psicanalistas, que não pertencem à escola ‘ortodoxa’ nem concordam com seus exageros, e em particular que não creem no predomínio do fator sexual, a maioria dos estudiosos mais jovens lança mão de uma peça ou outra da teoria analítica e a aplica a seu próprio modo ao material.”

Sigmund Freud, em *Um estudo autobiográfico*

“Mas felizmente ninguém precisa ensinar o pai a ver o filho por dentro.”

Franz Kafka, em *O veredicto*

¹ Psicólogo clínico, escritor e professor. Mestre e Doutor em Letras (PUCRS). Professor da Pós-Graduação em psicanálise da Anhanguera, núcleo Erechim.

Introdução

Este trabalho apresenta alguns aspectos da relação entre Viktor Tausk e Sigmund Freud como exemplo de algumas circunstâncias do mal-estar profissional e institucional que por vezes sentimos ainda hoje nos diferentes círculos psicanalíticos. Observaremos como esse conflito ocorreu entre o pai da psicanálise e, aquele que talvez pudesse ter sido, o filho mais promissor da famigerada primeira geração de psicanalistas europeus. Demonstraremos, por essa via, corroborar a importância trazida pela discussão de Torok e Rand (1997) acerca da necessidade de uma história da psicanálise, enquanto uma disciplina científica. A história teórica da psicanálise pode estar em contradição com a figura de Freud? Até que ponto a revelação sobre a história de outros autores, como Tausk, pode nos trazer mais embaraço científico do que propriamente acréscimo para benefício tanto da psicanálise quanto das outras psicoterapias? Para Torok e Rand (1997), é justamente aqui o lugar, cuja transmissão do saber psicanalítico pode estar contaminada, caso prefira a idolatria a olhar de frente para as muitas falhas que Freud possa ter cometido diante de sua relação com Tausk².

O núcleo de nossa investigação traz a importância inaudita de Viktor Tausk dentro da história da psicanálise, dentro do panorama da investigação clínica das psicoses. Tausk possuía uma visão muito arguta dos procedimentos terapêuticos que envolviam pacientes psicóticos. Isso também está relacionado a sua teoria do “aparelho de influenciar” (Tausk, 1919/1990), publicada em 1919, a qual iremos discorrer ao longo do artigo. Com esta investigação, temos o propósito de acrescentar à psicanálise elementos por vezes faltantes nas formações psicanalíticas, antes de serem estes apenas objetos de curiosidade de historiadores. Pode a psicanálise ter-se afastado tanto de Freud a ponto de termos de lidar com um novo paradigma³ em sua história? Para tanto, analisamos a obra de Tausk em três aspectos, os quais elencamos aqui, baseados tanto na investigação de Torok e Rand (1997), quanto na de Paul Roazen (1973) e o primeiro estudo dedicado a Tausk: 1) situar historicamente Viktor Tausk para a história da psicanálise muito mais atrelado ao saber oral transmitido do que propriamente vinculado ao saber escrito; 2) demonstrar seu modelo de aparelho no que se refere ao

² Este ponto não significa forçosamente que um princípio mal formulado leve necessariamente a achados que não correspondam à realidade, tal como podemos observar com a ideia de transferência (Freud, 1905/1975a), tão utilizada por tantas outras psicoterapias independentes da psicanálise. Isso para não nos referirmos a outros aspectos analíticos de sumo valor como as resistências, a livre associação, a análise dos sonhos, dando forma material a um inconsciente que até então era especulativo em termos filosóficos da época (Ellenberger, 1970).

³ Ainda que não estejamos de completo acordo com o conceito de paradigma descrito por Thomas Kuhn, é pertinente que um paradigma marque uma mudança de forma ou, pelo menos, uma mudança de atuação, como é o caso da postura de analistas de procedência winnicottiana na escola de São Paulo (Loparic, 1997).

estudo dos estados psicóticos da personalidade e como esse modelo influenciou outros autores; 3) reavaliar o legado de Tausk para o desenvolvimento da técnica psicanalítica no tratamento da psicose. Temos em conta, neste trabalho, uma progressão histórica, portanto olhamos a história como ciência, com um método investigativo comparativo, dirigindo-se sempre às outras ciências para delas extrair relações singulares pouco perceptivas quando se observa uma ciência somente pela sua execução prática (Braudel, 1965) diante do problema trazido pela história de longa duração (cristalização de certos padrões) e pela história de curta duração (a aparição de eventos imprevistos).

1 A história da psicanálise: o capítulo de Freud a Tausk

Talvez a psicanálise não tenha história. Talvez ela ainda não tenha começado. Isso porque a real razão na qual a história reside exige de nós uma reflexão sobre continuidades e rupturas, sobre uma espécie de *trauma* na qual a psicanálise como ciência ainda não se tornou livre para pensar (Chianese, 2008; Young-Bruehl & Schwartz, 2012). E o que significa a liberdade para pensar? Significa algo entorno do problema de existir para além das definições universais que podemos apregoar de uma maneira rápida. Dar liberdade para problemas dos quais seu criador, Sigmund Freud (1914/1975d), em *A história do movimento psicanalítico*, também não absorveu de um todo organizado. A herança de um testemunho vivo cuja necessidade do encontro do psicanalista consigo é imperiosa, apesar de tortuosa. Com isso temos a obrigação de não apenas tomar contato com fatores endógenos de nossa personalidade e inúmeras conflitivas, outrossim com um estímulo honesto, cujo olhar mais uma vez surge como marca do indelével, quando já se tem alguma idade e experiência na repetição do fenômeno sempre obtendo a mesma resposta. Quantos anos são necessários para atingir a maturidade? Quais questões colocam um medo tão atordoante a ponto de se fazerem esquecer quando mais precisam ser lembradas? E seria necessário nascer novamente para degustar de uma vida jamais vivida? Esse tipo de apelo traumático muitas vezes é mais forte do que um obstáculo neurótico. Torna-se uma exigência, uma necessidade, a verdadeira tônica à liberdade interna para fora dos grilhões da opressão e do medo. É nesse tom a aproximação deste estudo, quando os monstros decidem acordar mais uma vez, apossando-se da mente de nossos sonhos mais verdadeiros.

Neste ponto vem a história para nos fazer despertar de certos sonhos dogmáticos: escutai as narrativas, investigai melhor vossas fontes, escutai seus mitos. Tal como a criatividade de um escritor literário, podemos ler atentamente a história e ver nela algo inédito e profundamente real, o qual utilizamos para lidar com um ponto de divergência (White, 1994; Clifford, 2014). Ao decidir

contar uma história, quantas outras já não participaram dela sem sabermos? Investigar como a psicanálise deu tantos frutos para o século XX e quem são suas figuras, tanto ilustres quanto apagadas de seu meio é algo como olhar tanto a figura criada, quanto o papel indispensável de seu entorno. Tomaremos como um exemplo dessa suspeita historiográfica o momento de emaranhamento entre autor e obra, personagem e escritor literário: “Achab não se reencontra e, para o próprio Melville, o mundo ameaça constantemente afundar naquele espaço sem mundo ao qual o atrai o fascínio de uma única imagem” (Blanchot, 2005, p. 11). Que curioso encontro e confusão dele derivada! Sem o personagem Achab não haveria Melville como escritor. Não será descuido nosso esquecer o papel da teoria e de suas formas de divulgação quando um analista está se fazendo em seu meio? Não será esse o momento de conectar tanto autor quanto obra? “Em nossos esforços de nos tornarmos mais plenamente humanos, cada um de nós faz seus próprios ‘pactos’ silenciosos (na maior parte, inconscientes) consigo mesmo” (Ogden, 1997, p. 32). Não nos parece haver menos tensionamento quando olhamos diretamente para a história pessoal e nos descobrimos buscando esse algo tão inconsciente a ponto de fecharmos os olhos para elementos mais óbvios do presente momento. É lá onde um psicanalista deve reconstruir a história, mas também aprender a silenciar o que seu olho mais almeja falar, descobrir como na intenção de um historiador as diferentes camadas civilizacionais que habitavam aquele antigo território (Braudel, 1989), pois estamos aqui em uma região cuja palavra é também e impreterivelmente o contexto da palavra, o lugar e como ela foi dita, a intenção por trás dela, a emoção escondida de nossa frente.

Em termos de uma investigação própria da história da psicanálise, traremos alguns exemplos contidos no livro *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*, de Henri Ellenberger (1970). O autor propõe começar pelo mito construído entorno da figura de Freud. Isso só é possível pois ele está baseando-se em uma metodologia adequada para seu problema:

A metodologia relevante pode ser resumida em quatro princípios: (1) Nunca tome qualquer coisa por garantida. (2) Cheque tudo. (3) desloque tudo para seus contextos. (4) Desenhe uma linha nítida de distinção entre os fatos e interpretação dos fatos. Sempre que possível, recorri a fontes primárias, como arquivos, bibliotecas especializadas e os depoimentos de testemunhas confiáveis. As fontes secundárias foram avaliadas quanto à sua confiabilidade. Por meio de extensa pesquisa realizada por uma dúzia de anos com esse método crítico, fui capaz de coletar um grande número de fatos novos, enquanto muitos fatos já conhecidos são colocados sob uma nova luz. Muitas lendas que foram repetidas de autor para autor mostraram-se errôneas. (Ellenberger, 1970, pp. v-vi)⁴

⁴ Todas as traduções das obras escritas em inglês são de nossa autoria.

Não é intento deste artigo estendermo-nos acerca das considerações metodológicas e historiográficas. Ellenberger (1970) investigou detidamente aspectos sobre a vida de Freud e o contexto de Viena, suficientemente importantes para não serem deixados de lado, retomados por outros pesquisadores da história da psicanálise ao longo do século XX (Schorske, 1988; Gay, 2012; Roudinesco, 2016). A ciência psicológica, ou a psiquiatria psicodinâmica, sofrera grandes alterações ao longo de duzentos anos. De uma especulação sobre o magnetismo animal, encarnada por Franz Anton Mesmer, para uma renovação com o darwinismo e seu naturalismo, houve a paulatina adequação para uma espécie de “doença criativa” (Ellenberger, 1970, p. 888):

Como o artista e o escritor, o psiquiatra dinâmico baseia-se principalmente em seus talentos e sensibilidades específicos para determinar sua maneira de perceber o mundo. Cada psiquiatra dinâmico tem seu próprio sentimento específico da realidade psíquica e suas teorias também são influenciadas pelos eventos de sua vida. (...) Freud, como vimos, compartilhava com os grandes escritores um profundo interesse pelos aspectos secretos da vida e da personalidade das pessoas e um domínio superior da linguagem. A noção do complexo de Édipo e seu lugar central no destino humano deriva obviamente de sua própria história de vida e é também a razão pela qual nem Adler nem Jung puderam aceitá-lo, uma vez que haviam vivenciado situações familiares bastante diferentes na primeira infância (Ellenberger, 1970, p. 888).

Essa talvez seja a razão autenticada sobre o nome moderno de um certo *aparelho* que pensa, aquele gesto dos pioneiros ao dizerem a partir da experiência idiossincrática de suas análises pessoais, tal como foi com o próprio Freud em seu *sonho da injeção de Irma*. São esses os abalos que perpassam a construção teórica, pois, por mais verdadeira que esta seja, pode ser vista com outros olhares, mais sutis ou mais submissos. Ao mesmo tempo que a teoria parece se adequar à realidade, ela também o faz como em um sacrifício, abandonando-se por completo quando nos parece impossível desistir acerca dos costumes do nosso tempo. Isso significa que mesmo um *shaman* é capaz de dar uma resposta a fenômenos como paralisia ou certas alucinações visuais. Ele também é capaz de ensinar o que sabe a outro jovem interessado em sua arte, pois ambos copiam de forma simples o que a tradição lhes passou. Quem será o bom professor para a sua angústia por saber? Quem cuidará para que os fenômenos tenham coerência interna e representem adequadamente o caminho da tradição? Nesse ponto, vemos um problema em direção a uma verdade universal. Esquecemos por força dos nossos pares o quanto uma teoria de maneira alguma expressa a realidade em si, mas a *representa*, podendo ser ela ainda vista de acordo com os aspectos concordantes dos mesmos pares. E se damos valores aos nossos

pares é porque confiamos a eles não só o deleite de nossa demonstração, como a exigência de verificarem minuciosamente os níveis do experimento. Henri Ellenberger (1970) levanta inclusive o aprendizado pelo relato clínico, talvez a forma mais inevitável na qual os psicoterapeutas se deparam com os fenômenos interpessoais. É em uma situação clínica que a astúcia e a experiência entram em uma sincronia espaço-temporal, privilegiando assim a relação entre médico e paciente. Aqui, a psicodinâmica se diferencia da psicologia experimental, pois não pretende as mesmas condições de mensurabilidade ou uma concatenação lógica dos fatos, tal como é o modelo encontrado no positivismo. A psicanálise, tanto quanto sua antecessora, a psiquiatria psicodinâmica, é uma disciplina prática e, por esta razão, seu resultado envolve diretamente a forma na qual duas pessoas se relacionam. No aparecimento de um valor genuíno, não devemos esquecer os materiais iatrogênicos surgidos no decorrer do processo.

Como exemplo desse conflito histórico tomaremos para o debate as circunstâncias em que nasce uma interpretação diante da natureza do fenômeno, quando nossos sentidos são capturados pela teoria. A tese de Frank Sulloway (1979) nos apresenta Freud como um “cripto-biólogo”, pois seus estudos e práticas heterodoxas na medicina não apenas renderam frutos ao movimento psicanalítico e, posteriormente, aos psicólogos e psiquiatras, mas também aos biólogos mais brilhantes de seu tempo. A partir da citação de Ernest Jones, “Darwin da mente” (Sulloway, 1979, p. 4), somos obrigados a colocar a chave de leitura sobre as teorias naturalistas do século XIX e sua perspectiva de perenidade ao longo do século XX. Seus elementos de discussão versam sobre a origem da vida por uma perspectiva positivista, portanto a partir de um amplo conjunto de experimentos e de uma metodologia na qual o sentido visual estivesse em foco, por ostensivas repetições do experimento. Freud se torna assistente no laboratório do eminente pesquisador naturalista Carl Claus. Ele também esteve por três anos com o maior fisiologista de seu tempo, Ernst Brücke. A busca por uma “estrutura das gônadas das enguias . . . e o estudo das células nervosas do lagostim” (Sulloway, 1979, p. 15) deram uma real notoriedade acadêmica para ele. Em 1882, decide trabalhar com Hermann Nothnagel e, em 1883, vai trabalhar na clínica psiquiátrica de Theodor Meynert. É indicado a *Privatdozent* em 1885, sendo muito prestigiada esta posição na universidade austríaca (Gay, 2012). Mas é ao voltar de seu estágio com Jean-Martin Charcot que ele percebe a natureza do mundo psicológico relevante para seu aprendizado, dizendo: “pode-se dizer que a teoria das doenças orgânicas está completa; agora chegou o tempo das neuroses” (Freud citado por Gay, 2012, p. 69). Ao retornar de Paris, passa um tempo em Nancy para aprender com Hippolyte Bernheim os primeiros tratamentos com

a denominação “psicoterapia”⁵, a partir das críticas deste autor sobre a hipnose de Charcot e o desenvolvimento da sugestão como tratamento (Gay, 2012; Sulloway, 1979). Publica em 1891 seu famoso trabalho sobre as afasias, mas é completamente ignorado pela comunidade científica. Foi justamente essa paulatina ida da patologia biológica aos sutis estados alterados de consciência que levou Freud ao ostracismo durante esse período inicial.

Para nossa proposta de interpretação desse papel exercido por Freud no comando do movimento psicanalítico, temos de ter em conta uma série de alternativas pouco explícitas em todo o tipo de movimento grupal. É cabal a evidência de uma disparidade entre a tradição escrita e a oral dentro do movimento psicanalítico (Roazen, 1978). Mais do que isso, algumas intervenções técnicas de Freud, especificamente as contidas no texto *A dinâmica da transferência*, são questionáveis, de acordo com cada paciente em questão: “Esta luta entre o médico e o paciente, entre o intelecto e a vida instintual, entre a compreensão e a procura da ação, é travada, quase exclusivamente, nos fenômenos da transferência” (Freud, 1912/1975c, p. 143). Essa citação diverge em muito com aquilo que Paul Roazen (1999) narrou ao entrevistar o paciente de Freud, Albert Hirst:

Ele não acreditava que Freud tivesse sido distante, já que demonstrara tanto interesse profissional e se lembrara de tantas coisas a seu respeito. . . . Hirst insistia que “qualquer sistema dá certo quando um Freud se compromete em realizá-lo!”. Não se mostrava tocado pela importância de nenhum aspecto individual da abordagem de Freud. Dizia nunca ter tido a impressão de que Freud estivesse se confrontando com a verdade; ele não o estava educando, tampouco fazendo propaganda. (Roazen, 1999, pp. 45-46)

Ainda, para termos um exemplo da dificuldade em expressar o que *exatamente* ocorrera nas sessões de Freud, Albert Hirst nos coloca novamente em mais um imbróglio denominativo dessa atividade:

Hirst (em contradição com o que havia relatado anteriormente) dizia que Freud era mais um educador do que um médico, mas que ele não fazia preleções de forma consciente. Não era como um padre ou um pastor, dizendo o que fazer. Mas se engajava num tipo de educação mais profundo ao procurar explicar como a psique trabalha, provendo os instrumentos para a autoanálise. (Roazen, 1999, p. 47)

⁵ Segundo Renato Mezan (1996), esta distinção não é feita por Freud, uma vez que, em seu artigo Sobre as psicoterapias (Freud, 1905/2017), reconhece que a psicanálise é uma forma de psicoterapia. Portanto, ao longo do nosso texto, o termo psicoterapia será utilizado para dar acessibilidade ao termo psicanálise propriamente dito, pois pode-se ter uma escuta psicanalítica sem a necessidade de um setting formal (Silva & Campezatto, 2015).

Os aspectos acima mencionados mostram uma limitação de toda a teoria quando ela nos impede de tomar contato mais profundo com o real acontecimento entre médico e paciente. Esse fato clínico pode estar nesta simples declaração de Hirst: “o relacionamento, não a essência racionalista das interpretações de Freud, foi o elemento responsável pela cura” (Roazen, 1999, p. 51). Ainda que a construção teórica seja de suma importância, temos a evidência de que cada análise é uma análise pelo fato de que cada relação possui uma fragilidade particular, um lugar íntimo de relacionamento interpessoal profundo. Nesse encontro temos de ter em mente a importância de nos transformarmos, plasticamente, podendo ser nós mesmos sem precisar necessariamente assumir a posição do outro como a nossa. Precisamos estar livres para adentrar com nossa singularidade nesse nível. “Freud emerge como um analista muito ativo, às vezes intervencionista, muito diverso do estereótipo de terapeuta neutro que, mais tarde defensores da ortodoxia, como Eissler, preferiram” (Roazen, 1999, p. 53). Certamente, é demasiadamente importante mostrar como temos ideias equivocadas sobre acontecimentos quando internalizados como verdades imutáveis dentro de uma atividade tão múltipla como a prática psicanalítica.

Como exemplo historiográfico para essa querela sobre a história da psicanálise, seus embates junto aos psiquiatras e também recalques e alucinações, mencionamos a relação entre Freud e um de seus mais controvertidos discípulos, Viktor Tausk. Este último se dedicou inicialmente à formação em psiquiatria, seguindo assim os passos da escola de Zurique, de Bleuler e Jung (Roudinesco, 2016), cuja prática hospitalar era cotidiana. Seu interesse pela psiquiatria não era bem visto na época pelos psicanalistas, da mesma forma que, ao se envolver a psicanálise, a psiquiatria o via com maus olhos (Shamdasani & Borch-Jacobsen, 2014). A vida de Tausk até conhecer Freud se resume da seguinte maneira: após seu casamento com Martha Frisch, teve dois filhos; formou-se em direito com um intercurso na advocacia; teve inúmeras atividades como escritor, publicando poemas, contos e uma peça de teatro, num claro solilóquio consigo acerca de sua solidão e incertezas diante da vida. E essa imagem de “gênio fracassado” (Roazen, 1973, p. 18), acrescido de uma sensação de culpa e as dificuldades em conseguir dinheiro para sua família, levaram-no, a partir de 1912, a uma total aderência ao movimento psicanalítico de Viena, com a ênfase de alcançar nesta sua salvação pessoal.

O interesse de Tausk pela psiquiatria o levou ao tratamento de pacientes psicóticos no hospital da Universidade de Viena, sob a direção de Werner von Jauregg (Roazen, 1973). Essa perspectiva era oposta às possibilidades de eficácia do tratamento pela psicanálise. Em sua missiva a Istvan Hollos, Freud confessa:

“Finalmente admiti para mim mesmo que não gostava daqueles doentes⁶ e lhes queria mal por serem tão diferentes de mim e de tudo que há de humano” (Roudinesco, 2016, p. 302). A autora francesa traz ainda o quanto foi difícil para Freud tratar Carl Liebman, vindo dos Estados Unidos, devido às suas tendências fetichistas e homossexuais, manifestadas em alucinações cinestésicas (Roudinesco, 2016). É mister considerar não menos importante o impacto das ideias trazidas por alguns dos mais proeminentes discípulos da causa freudiana. Jung (1952/1995), no livro *Símbolos da transformação na libido*, já em 1911, traz a “hipótese de que não é o instinto sexual, mas uma energia em si indiferente que leva à formação de símbolos” (Jung, 1952/1995, p. 127). E o não menos importante Sandor Ferenczi (1933/1992b), em seu artigo *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*, propõe que as fantasias sexuais infantis não eram apenas fantasias, mas acontecimentos reais de abusos cometidos pelos adultos.

Não seria de estranhar o quanto as ideias de Tausk possuíam uma força ambivalente em meio ao movimento psicanalítico. Ao mesmo tempo, explicavam brilhantemente a obra de Freud. O que nos assusta é perceber um paulatino afastamento de Freud da figura de Tausk. “Sem dúvida Tausk estava com medo de sua própria vontade de viver”, mencionou Roazen (1973, p. 122). Talvez fosse um pouco mais do que isso, pois Tausk era um homem infeliz na capacidade de se envolver com mulheres e ganhar dinheiro. Tausk “iniciou suas relações com Freud competindo e rivalizando” (Roazen, 1973, p. 106). Era admirado por Lou Andreas-Salomé, sua amante entre 1912 e 1913, enquanto exigia ostensivamente a atenção de Freud. É digno de nota que o velho mestre de Viena rejeita tomar Tausk em análise em janeiro de 1919, encaminhando-o para Helene Deutsch, o que foi sentido por ele como uma humilhação.

Helene ficou sabendo o lado de Tausk em sua luta com Freud. Impressionada com o que considerava o gênio de Tausk, suas horas de análise com Freud encheram-se de palavras sobre ele. Tausk começou a interferir na conduta de sua análise com Freud. Pelos fins de março de 1919, depois de três meses, Freud pôs um ponto final em toda essa incestuosa situação. (Roazen, 1973, p. 100)

Três meses após o término, no dia 3 de julho de 1919, Viktor Tausk pôs fim à sua vida, enforcando-se com o cordão da cortina, ao mesmo tempo em que desferiu contra si um tiro na cabeça. O espanto desse suicídio é trazido na correspondência de Freud com o pastor Pfister, datada de 13 de julho de 1919: “Dr. Tausk pôs um fim a sua vida. Um grande talento, mas uma pessoa perseguida pelo destino, uma vítima póstuma da guerra” (Freud, 2009, p. 94).

⁶ Referindo-se assim aos psicóticos e perversos.

Na carta censurada de Freud a Lou Andreas-Salomé, lemos: “Confesso que não sinto realmente falta dele; já de há muito o julgava inútil, até mesmo uma ameaça para o futuro” (Freud citado por Roazen, 1973, p. 127). Mesmo que Freud reconheça os valores filosóficos e artísticos de Tausk, o pai da psicanálise parece nitidamente incomodado com ele. Estaríamos diante de um ponto cego desse contato entre os dois? “Ainda desde o princípio percebi esta luta em Tausk que mais profundamente me movia – a luta da criatura humana. Animal-irmão. Você” (Andreas-Salomé, 1964, p. 168). Nessa briga, do ponto de vista do naturalismo, a frase de Tausk, anotada nas minutas dos encontros na Sociedade de Viena, era muito clara contra uma tendência dogmática advinda da Sociedade de Viena: “o darwinismo... era uma religião científica, tal como a Psicanálise” (Roazen, 1973, p. 47). Talvez por esses motivos e tantos outros, entre os encontros e os desencontros de Andreas-Salomé com Tausk, tenhamos uma faceta do grande imbróglio por nós testemunhado: “Não correspondo a sua última carta, bem como a muitas outras anteriores. E ele tinha razão em escrever há um ano atrás: ‘Ninguém deseja a companhia de um desgraçado infeliz – nem mesmo a senhora.’ Não, nem mesmo eu” (Andreas-Salomé, 1975, p. 134).

2 O modelo de aparelho de Viktor Tausk e sua influência na psicanálise do século XX

A publicação póstuma do artigo *Da gênese do “aparelho de influenciar” na esquizofrenia* é um marco para o entendimento da esquizofrenia no seio do movimento psicanalítico de Viena: “Tausk leu o trabalho perante a Sociedade de Viena, no dia 6 de janeiro de 1918, nova sessão da Sociedade, a 30 de janeiro de 1918, foi dedicada ao mesmo; um ano mais tarde apareceu publicado” (Roazen, 1973, p. 164)⁷.

Entretanto, qual é a sua relevância para a psicanálise e o que poderia ter ficado para trás nesse artigo? Tausk (1919/1990) precisava dar luz a um tipo de *tela imaginativa* na qual a cabeça do doente mental produz alucinações de um tipo incomum, ou mesmo incompreensível, para a mente neurótica. De uma maneira objetiva, o aparelho de influenciar na psicose é justamente a captura de pensamentos, impedindo o paciente de criar uma ideia mais particular sobre si, uma fantasia, por exemplo. “É evidente, entretanto, que muitos doentes acusam todos esses fatores sem atribuí-los a ação de um aparelho” (Tausk, 1919/1990,

⁷ Referência ao periódico oficial do movimento psicanalítico, chamado *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* (periódico londrino rebatizado por Ernest Jones de *International Journal of Psychoanalysis*), em 1919.

p. 41-42). Um aparelho que se junta ao corpo do paciente, influenciando suas respostas de forma automática, perdendo assim a capacidade de distinguir as situações em seu interior, pois são alucinatórias, portanto, atiradas para o exterior, pois não estão integradas em um mesmo eu verticalmente organizado.

A metáfora utilizada por Tausk (1919/1990) de um aparelho, impedido de atribuir definições empíricas, nas quais faz uso da memória para identificá-las, é muito utilizada em sua época. Vemos também, em 1919, a publicação de outra obra muito singular, a publicação de um conto do escritor tcheco Franz Kafka, intitulado *Na colônia penal* (Kafka, 1998). Apesar do enfoque de Kafka ser distinto da máquina de Tausk (1919/1990), não podemos deixar de notar uma semelhança na relação humano-máquina, principalmente quando esta vai escrevendo a sentença no corpo do criminoso, levando à consequente execução deste último. Essa máquina é escrita destituída de proporções claras ao ser imaginada pelos leitores. Para Tausk (1919/1990), a supressão dos estágios evolutivos humanos na esquizofrenia leva ao “esquecimento do modo de formação das imagens oníricas. . . . distorção progressiva” (Tausk, 1919/1990, p. 53). E justamente um ego frágil possui menos recursos para desenvolver defesas elaboradas. A libido recrudescer de forma que a mente assemelha-se ao corpo, fusionando-se por completo. Também foi esse o lugar do Presidente Schreber, ao sentir nervos femininos passando em seu corpo e dar, assim, origem a “uma nova raça de homens . . . tentativa nova de fecundação direta por Deus” (Freud, 1911/1975b, p. 33), “existindo então uma libido homossexual livre” (Tausk, 1919/1990, p. 60).

Não menos importantes nos parecem os modelos de máquinas desenvolvidas ao longo da história da psicanálise. Quando lemos a seguinte frase: “o pavor do *bom* objeto deve ser expelido junto ao mau, pois o mecanismo de expulsão e projeção perde valor” (Klein, 1948, p. 285), ela nos conduz diretamente aos estados precoces do “fantasma do seio interno” (Tausk, 1919/1990, p. 66), referidos pelo autor. Wilhelm Reich (1933/1995), também em 1948, adiciona ao aparecimento da esquizofrenia o conceito de “o estudo do ‘diabo’” (Reich, 1933/1995, p. 367), na mesma proporção que Tausk (1919/1990) encontra essa imagem em certos pacientes emocionalmente paranoicos, portanto acometidos de alucinação. Anos mais tarde, 1962, temos o aparecimento de uma explicação mais palpável com o artigo de Wilfred R. Bion (1994) *Uma teoria sobre o pensar*, ao apresentar: “o desenvolvimento do aparelho que provisoriamente chamarei atividade ou faculdade de pensar” (Bion, 1994, p. 128). Bion propõe que qualquer dano a ele interfere na evolução de elementos mais concretos (elementos Beta) para elementos mais abstratos (elementos Alfa). E tal como um ressurgimento crítico de todo o arcabouço do trabalho de Tausk, Deleuze e Guattari (2012) trouxeram com sua esquizoanálise a grande crítica

à neurotização do mundo ocidental, pelos excessos cometidos pelo capitalismo pós-colonial e o complexo de Édipo inflacionado de interpretações. Eles aliam tais conceitos aos ideais da revolução cultural após o maio de 1968. Cabe falar sobre a retomada do entendimento do narcisismo em situações arcaicas, como desenvolvido pela escola da psicologia do *self*: “fragmentos desconexos são secundariamente reorganizados, redispostos em delírios e então racionalizados por meio de esforços das funções integradoras remanescentes da psique.” (Kohut, 1988, p. 24). Todos esses exemplos nos levam a um solo subterrâneo, um lugar de discussão e experimentação muito profícuos à psicanálise em sua árdua relação com as psicoses.

Tal como uma justaposição ao texto principal do artigo *Da gênese do “aparelho de influenciar” no curso da esquizofrenia*, encontramos suas notas de rodapé, cuja pertinência aponta irremediavelmente para o futuro daquilo que observaremos cada vez mais na regressão analítica como sendo parte da perspectiva emitida por nossos pacientes: “A regressão esquizofrênica remontaria então a esses engramas primitivos da espécie e a teoria deveria postular que esses restos de funções filogenéticas podem conservar a possibilidade de ser reativados.” (Tausk, 1919/1990, p. 69). Nessa ideia, a libido que passa pelo corpo do esquizofrênico a ponto de nos fazer recrudescer na busca de nosso objeto perdido ou nos impelir a novos horizontes. O aparelho que Tausk (1919/1990) tem em mira é justamente um aparelho prejudicado em sua função genital organizativa, por essa razão “os órgãos genitais podem ocupar um lugar privilegiado, como ponto de partida para o mecanismo de projeção” (Tausk, 1919/1990, p. 71), projetando assim o corpo como um objeto inteiro, tal como um “homem pênis” (Tausk, 1919/1990, p. 74).

Encontramos em sua teoria, meramente expressa em 37 páginas, um acontecimento inédito na psicanálise vienense. Não houve, devido à baixa formação dos discípulos de Freud, a fortuna crítica correspondente se compararmos à que outros psicanalistas tiveram no decorrer dos anos, tais como Abraham, Ferenczi ou mesmo Melanie Klein. Sua teoria completamente inovadora foi construída em uma sólida linguagem, tanto arguta quanto dada à criatividade. Tausk (1919/1990) escreve de modo alusivo a respeito da ideia de aparelho, fazendo-a de forma profundamente ensaística, com certos laivos literários, os quais remontam o tempo em que experimentou poesia, prosa e dramaturgia (Roazen, 1973). As imagens trazidas ampliam nossa percepção do texto, propondo que possamos ler com fôlego na mesma metragem de seus pensamentos. Talvez isso também seja uma mensagem futura aos psicanalistas que virão: despojar-se dos conceitos já aterrados para adentrar no trabalho de construção de linguagem em pacientes seriamente fragilizados.

3 O legado inaudito de Tausk para a técnica psicanalítica das psicoses

Nesta última parte do artigo, dedicaremos espaço aos avanços na técnica psicanalítica com pacientes psicóticos. O desenvolvimento inicial de Tausk (1919/1990) em seu artigo, *Da gênese do “aparelho de influenciar” na esquizofrenia*, trouxe não apenas o modelo de aparelho, mas também despertou o interesse em outros clínicos para trabalharem com pacientes⁸. Um dos primeiros autores a explorarem essa dimensão do atendimento clínico foi Paul Federn (1952). “As ideias de influência elas mesmas – como Freud, Tausk e Jung demonstraram – representam significados inconscientes” (Federn, 1952, p. 194). Seu trabalho aponta para um ponto muito central diante do fenômeno intitulado *psicose de transferência*, uma vez que as dificuldades de acessar os conteúdos do paciente podem tornar a análise inacessível, tanto para do médico conhecer seu paciente, quanto ao paciente tomar contato com a figura do seu médico. Nesse ponto, temos uma *psicose de transferência*, impossibilitando o terapeuta de continuar seu trabalho. O negativo da transferência acaba gerando um problema muito grave, uma falta de sintonia diante do narcisismo primário do paciente, pois não respeita justamente aquilo que lhe é mais difícil conseguir, isto é, *regredir*. O autor pondera, então: “A associação livre como meio de trazer material inconsciente raramente é necessária, porque muito do inconsciente foi revelado pela psicose. Para dizer em antítese: nas neuroses, queremos levantar repressão; nas psicoses, queremos criar repressão” (Federn, 1952, p. 136). O inconsciente já se mostra livre na psicose, sem precisar estar atrelado a significados definidos de antemão. O custo do trabalho com a psicose é justamente como assentar uma definição e não como deslocar pensamentos para fazer associações, portanto ajudar o paciente a fantasiar. Isso também porque a psicose está muito mais relacionada ao exterior e não ao interior do paciente. É justamente para o reconhecimento de um interior, lugar onde os signos possuem uma significação própria dada pelo paciente, que a terapia deve acrescentar.

O trabalho de Federn (1952) possui essa riqueza da aceitação advinda dos pacientes. Contraria uma concepção dialética de psicoterapia, cuja direção do tratamento está em dar respaldo por meio da palavra. Algo da relação terapêutica positiva deve ser mantido para que haja confiança na figura do terapeuta. Etchegoyen (1987) observa com atenção as condições para o direcionamento no tratamento da esquizofrenia, na medida em que Melanie Klein observara a sutileza das crianças, na condição de “interpretar imparcialmente a transferência

⁸ Temos em conta aqui que a psicose se apresenta como uma alteração do estado mental de um paciente, enquanto a esquizofrenia é entendida como uma doença mental propriamente dita, na qual se encontram tais alterações de cunho psicótico, tais como alucinações visuais ou táteis, paranoia, delírios, etc. (Tenório, 2016).

positiva e negativa sem recorrer, de modo algum, a medidas pedagógicas ou de apoio, a mesma atitude será adotada com o psicótico” (Etchegoyen, 1987, p. 94). O psicanalista argentino mostra justamente esse incremento técnico trazido por Federn em seu artigo *Psicanálise das psicoses*, de 1943:

. . . Os pacientes psicóticos são acessíveis à psicanálise apenas porque, e na medida em que: em primeiro lugar, eles ainda são capazes de transferência; em segundo lugar, uma parte do ego percebe o estado anormal; e em terceiro lugar, uma parte da personalidade ainda está direcionada para a realidade. (Federn, 1952, p. 136)

Nessa citação, temos a noção de que a percepção sobre o tratamento da psicose também é transformada, pois abre-se um espaço para o aprendizado, a entrada do silêncio como parte do contato diante do que a palavra não dá conta de significar integralmente. Transferência novamente é o grande destaque do trabalho psicanalítico, não somente por prestar-se ao passado vivido pelo paciente. Ao olharmos cuidadosamente a concepção aqui empreendida por Federn (1952), compreendemos a inevitabilidade de um aprendizado na cena analítica, ainda que suas condições sejam muito diferentes de uma pedagogia tradicional. Aprender junto à relação transferencial não é simples e exige do *eu* do terapeuta uma dificuldade ao lidar com um sofrimento insistente em não se olhar como parte da projeção na figura do analista.

A transferência é útil na análise dos conflitos subjacentes à psicose, mas uma transferência positiva nunca deve ser dissolvida pela psicanálise. Quando ela se dissolve, o analista perde toda a influência, porque não pode continuar a trabalhar com o psicótico durante os períodos de transferência negativa, como pode com o neurótico. (Federn, 1952, p. 140)

Outro autor muito influenciado pelo trabalho de Tausk (1919/1990) é o psicanalista estadunidense Harold Searles (1963/2005), em seu trabalho *Psicose de transferência na psicoterapia de esquizofrenia crônica* de 1963. Nesse texto, o autor aponta o surgimento de elementos psicóticos advindos da transferência, uma vez que a espécie de regressão realizada leva o terapeuta a uma relação simbiótica, justamente pela desarticulação do elemento verbal no conjunto (*setting*).

Geralmente culpamos o analista por tal desenvolvimento e preferimos não pensar mais sobre tais assuntos, por causa de nosso próprio medo pessoal de que nós, como o pobre analisando malcriado, possamos nos tornar, ou por pouco evitarmos nos tornar, psicóticos em nossa própria análise. Por outro lado, ao trabalhar com o paciente com esquizofrenia crônica, somos confrontados com uma pessoa que

já se tornou, há muito tempo, abertamente psicótica, e cuja transferência para nós é tão difícil de identificar parcialmente pela própria razão de que toda a sua vida diária consiste em reações de transferência psicóticas incoerentes, quer queira quer não, para todos ao seu redor, incluindo o analista na sessão de tratamento. . . . Em outras palavras, o difícil no trabalho com o paciente esquizofrênico crônico é descobrir a “realidade transferencial” em sua experiência delirante. (Searles, 1963/2005, pp. 657-658)

E, ao descobrir essa realidade transferencial ou, também podemos assim identificar, criar uma fantasia e experimentá-la como possível de ser vivenciada, o paciente troca de lugar com seu terapeuta. É nessa troca que vemos o real produto de uma análise bem sucedida, pois respeita-se justamente o conteúdo e a forma na qual o conteúdo é trazido. Por essa razão, Searles (1963/2005) apresenta a contratransferência não apenas preservada, mas como aprimoramento do desenvolvimento analítico. É em Ferenczi (1928/1992a), com o artigo *Elasticidade da técnica psicanalítica*, de 1928, e sua famosa *técnica ativa*, na qual o paciente se torna analista de seu analista, que ocorre um registro ainda muito incipiente da observação do valor transferencial por parte do paciente. Encontramos esse refinamento conceitual quando Bion (1994), em *O gêmeo imaginário*, de 1950, mostrou o quanto essa troca de lugares não deve ser realizada no sentido do paciente sentar na poltrona e o analista no divã, mas na percepção do analista em contar sua *impressão interna* advinda do contato direto com o inconsciente de seu paciente. O analista se torna real, dando um lastro físico a essa expressão não nomeável pelo psicótico. Nesse ponto, Searles (1963/2005) enxerga justamente a riqueza do trabalho da *psicose de transferência*, pois: “a transferência torna-se não suficientemente diferenciada, mas também suficientemente integrada, suficientemente coerente, ao ser identificável” (Searles, 1963/2005, p. 659).

Conclusão

Para Joel Birman (1990), o trabalho de Tausk (1919/1990) aponta para algo de incômodo na história da psicanálise. Seu desaparecimento é o sintoma daquilo que é justamente sem interpretação, mas elocubração resultante do experimento psicanalítico. Sua morte, vista por Freud como uma ameaça para a perpetuação da causa psicanalítica é também a morte daquilo que não é possível interpretar em uma análise. Tausk assinala, mas não induz, não é crença, nem tampouco verdade, mas sutileza e resultado de uma crítica aos modelos vigentes padronizadores de setores cristalizados do pensamento aparente. Birman desejou assim mostrar também o comportamento de uma psicanálise

demasiada institucionalizada, quando “permeadas pela arbitrariedade e marcadas pelos efeitos psicologicamente danosos para o desdobramento do pensamento psicanalítico” (Birman, 1990, p. 29). O psicanalista carioca levanta justamente a quantidade de idealizações feitas sobre a figura de Freud, marcado pelos conceitos prontos, automáticos, os quais devem ser entendidos unilateralmente. Não apenas esse processo é digno de ser questionado, tal como fizemos ao longo do artigo, mas também pode vir acompanhado de outras dificuldades, como o binarismo do *certo* e do *errado*, o que rapidamente pode degenerar-se para escolhas morais tomadas pelo ambiente que se está inserido. Nesse ponto, o psicanalista se converteria em uma espécie de sacerdote, não diferindo do atual quadro das religiões monoteístas. Esse olhar cuidadoso sobre as instituições psicanalíticas recai com força na passagem do conhecimento acumulado em direção ao aluno candidato a psicanalista, conferindo assim um investimento de reconhecimento e poder. Contudo, em um século que investiu tanto no conhecimento na mesma proporção em que investiu no entretenimento, temos de ter algumas ressalvas quanto ao interesse dos analisandos diante de pontos de difícil acesso do conhecimento psicanalítico, incluindo nesse quadro um interesse genuíno em conhecerem a si mesmos.

A maioria dos estudantes da última década . . . não são introspectivos, tendem a não ler nada senão a bibliografia que lhes é indicada no programa dos institutos, e só desejam acabar o mais depressa possível o que é exigido para sua formação. Seu interesse volta-se primeiramente para a clínica, preferida à pesquisa e a teoria. Sua motivação para serem analisados é basicamente a de passar pelo que sua formação exige. . . . A capitulação parcial de alguns institutos . . . em sua pressa ambiciosa e sua tendência a se satisfazerem com a mais superficial apreensão da teoria, está na origem dos problemas que temos de enfrentar atualmente na formação dos analistas. (Knight citado por Lacan, 1966/1998, p. 358)

Esse relatório foi emitido em dezembro de 1953 pelo presidente da Associação Psicanalítica Americana, o psicanalista Robert P. Knight. Não é pouca a semelhança com nosso tempo, na atual conjuntura dos candidatos a psicanalistas e, inclusive, quanto ao ponto cego dos institutos diante da transmissão do saber psicanalítico. Nesse sentido, nosso artigo vai mais longe do que o relatório de Knight apresenta, pois considera outras condições: 1) a *pesquisa* – ou seja, se há um estudo aprofundado em teoria psicanalítica, teoria comparada, história da psicanálise, conhecimentos em línguas estrangeiras, conhecimentos em filosofia e disciplinas em ciências humanas; 2) sua *prática* – pacientes não apenas de demanda ambulatorial, mas pacientes agudos que exigem intervenção necessariamente hospitalar ou de comunidades

terapêuticas, também incluímos aqui contextos incomuns da psicanálise como ambientes escolares e empresariais; e 3) a motivação dos candidatos a serem *analisados* – se o que conta é o tempo de análise ou mesmo a necessária mudança periódica para um outro tipo de analista, partindo do pressuposto de que o exame minucioso de um traço de personalidade pode demorar décadas ou mesmo não se realizar.

Permanecemos com os questionamentos derivados do trabalho de Tausk (1919/1990), uma vez que estamos diante do fluxo do tempo. Deixamos, por fim, perguntas: o que precisa necessariamente dar *errado* para que possa dar *certo*? O que ainda está longe de acontecer porque impedimos que algo possa *errar*? Como estamos diante de um conceito que se apresenta como *saber*, mas não o é de fato? Caberá ao nosso interesse respondê-las ou não.

Tausk to the psychoanalysis

Abstract: This article deals with Viktor Tausk's contributions to three important areas of psychoanalysis: 1) the history of psychoanalysis, with contributions from Elleberger, Sulloway and Roazen; 2) the appliance theory in psychosis, with the idea of the appliance and its repercussion in the work of Klein, Reich, Deleuze and Guattari, Bion and Kohut; and 3) his work for the later construction of a psychoanalytic technique with schizophrenic patients, as developed by Federn and Searles. Thus, we conclude the need, both for professionals and training institutions, for a greater narrowing of discussions initiated by Tausk, not restricted to the historical figure and personality of Freud, but that give a glimpse to different psychoanalytic practices in different contexts.

Keywords: History of psychoanalysis. Psychoses. Tausk. Technical.

Referências

Andreas-Salomé, L. (1964). *The Freud Journal of Lou Andreas-Salomé*. New York: Basic Books.

Andreas-Salomé, L. (1975). *Freud e Lou Andreas-Salomé: Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago.

Birman, J. (1990). Memória, silêncio e esquecimento, sobre Tausk e a história da psicanálise. In J. Birman (Org.), *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo: Escuta.

- Blanchot, M. (2005). *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes.
- Braudel, F. (1965). História e Ciências Sociais. *Revista de História*, 30(62), 261-294.
- Braudel, F. (1989). *El Mediterráneo: El espacio y la historia*. Ciudad del Mexico: Fondo de la Cultura Económica.
- Chianese, D. (2008). *Constructions and the analytic field: History, scenes and destiny*. New York: Routledge.
- Clifford, J. (2014). *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2012). *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34.
- Ellenberger, H. F. (1970). *The discovery of the unconscious: The history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books.
- Etchegoyen, H. R. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Federn, P. (1952). *Ego Psychology and the psychoses*. New York: Basic Books.
- Ferenczi, S. (1992a). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras completas* (Vol. 4). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (1992b) Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In *Obras completas* (Vol. 4). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933)
- Freud, S. (1975a). Fragmento da análise de um caso de histeria. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1975b). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911)
- Freud, S. (1975c). A dinâmica da transferência. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912)

- Freud, S. (1975d). A história do movimento psicanalítico. In J. Strachey. (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (2009). *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato.
- Freud, S. (2017). Sobre a psicoterapia. In *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1905)
- Gay, P. (2012). *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jung, C. G. (1995). Símbolos na transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 5). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1952)
- Kafka, F. (1998). *O veredicto/A colônia penal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Klein, M. (1948). *Contributions to psycho-analysis, 1921-1945*. London: The Hogarth Press.
- Kohut, H. (1988). *Análise do self*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1966)
- Loparic, Z. (1997). Winnicott: Uma psicanálise não-edipiana. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 4(2), 375-388.
- Mezan, R. (1996). Psicanálise e psicoterapias. *Estudos Avançados*, 10(27), 95-108.
- Ogden, T. (1997). *Rêverie e interpretação: Captando algo humano*. São Paulo: Escuta.
- Reich, W. (1995). *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933)
- Roazen, P. (1973). *Irmão animal: A história de Freud e Tausk*. São Paulo: Brasiliense.
- Roazen, P. (1978). *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Cultrix.
- Roazen, P. (1999). *Como Freud trabalhava*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud: Na sua época e em nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Schorske, C. E. (1988). *Viena fin-de-siècle: Política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Searles, H. F. (2005). Transference psychosis in the psychotherapy of schizophrenia. In *Collected papers on schizophrenia and related subjects*. London: Karnac. (Original publicado em 1963)
- Shamdasani, S., & Borch-Jacobsen, M. (2014). *Os arquivos Freud: Uma investigação acerca da história da psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp.
- Silva, M. R., Campezzato, P. M. (2015). Psicanálise e psicoterapia psicanalítica: Tangências e superposições. *Revista Psicologia e Saúde*, 7(1), 39-46.
- Sulloway, F. J. (1979). *Freud, biologist of the mind: Beyond the psychoanalytic legend*. New York: Basic Books.
- Tausk, V. (1990). Da gênese do “aparelho de influenciar” no curso da esquizofrenia. In J. Birman (Org.), *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo: Escuta. (Original publicado em 1919)
- Tenório, F. (2016). Psicose e esquizofrenia: Efeitos das mudanças nas classificações psiquiátricas sobre a abordagem clínica e teórica das doenças mentais. *História, Ciências, Saúde*, 23(4), 941-963.
- Torok, M., & Rand, N. (1997). *Questions for Freud: The secret history of psychoanalysis*. Cambridge: Harvard University Press.
- White, H. (1994). *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Young-Bruehl, E., & Schwartz, M. (2013). Why psychoanalysis has no history? In E. Young-Bruehl (Org.), *The clinic and the context: Historical essays*. London: Karnac.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 06/07/2021

Aceito em: 25/08/2021

Estevan de Negreiros Ketzer
Rua Dona Laura, 228/501
90430-090 – Porto Alegre – RS – Brasil
Email: estevanketzer@gmail.com